**O ESQUECIMENTO DO SENTIDO DO SER DA COISA**

**Gerdevane Silva de Jesus**

**Resumo:** *a pós-modernidade é uma época eminentemente científica que se revela pelo encolhimento da distância no tempo e no espaço. Esse encolhimento ocasionou no esquecimento do sentido do ser das coisas.*

**Palavras-Chave**: pós-modernidade, encolhimento, sentido da coisa.

Heidegger estar para os filósofos como o Everest estar para os alpinistas, visto que todos se propõem a escalar, mas nem todos conseguem suportar a trajetória para chegar ao cume da montanha. Nesse pequeno texto iremos deliberar sobre algumas ideias de Heidegger que estão contidas em um de seus textos intitulado “*A coisa”.* Nessa visão, buscaremos encontrar nesse texto o que aconteceu para que houvesse o esquecimento do ser da coisa.

 “Todo distanciamento no tempo e todo afastamento no espaço estão encolhendo “[[1]](#footnote-1). É com essas palavras que Heidegger inicia sua conferência intitulada “A coisa” para descrever o cenário do século XX. Trata-se aqui do encolhimento causado pelos avanços tecnológicos que promovem a proximidade das distâncias mais longínqua no espaço e no tempo. De fato, essa é uma realidade marcante da pós-modernidade que se revela a partir do progresso ocorrido nos meios de comunicação e telecomunicação.

A pós-modernidade no dizer de Heidegger se revela como uma época que podemos equacionar com três características fundamentais; 1) “que proximidade não é pouca distância”; 2) “que uma distância incomensurável ainda pode-nos estar bem próxima”; 3) “que um grande afastamento ainda não é distanciamento”[[2]](#footnote-2). Dessa maneira, percebemos que Heidegger enfatiza que “proximidade” não é necessariamente estar diante das coisas, e muito menos “afastamento” se caracteriza como ausência do conhecimento das mesmas. Isso acontece, quando assistimos ao um filme ou ouvimos ao rádio que nos possibilita participar instantaneamente da história sem que haja a mínima possibilidade de participar da mesma fatidicamente.

Diante dessa determinante o que é proximidade? Como poderemos afirmar fatidicamente que algo está próximo? E o que se “acha nas proximidades para que possamos dizer que existe a proximidade”[[3]](#footnote-3)? Ora no dizer de Heidegger o que está nas proximidades é coisa. Mas o que é a coisa. Diz, a coisa é uma jarra. Que é uma jarra? Nós dizemos: “um receptáculo, algo que recebe outro dentro de si”[[4]](#footnote-4). A jarra como qualquer outro objeto “é e estar” em si mesmo, como recipiente dado. A jarra sendo produto de uma produção traz em si aquilo que o fabricador pensou para que ela viesse ser. Dessa maneira, a jarra é um objeto fabricado pelo oleiro que subsisti em si mesma.

Nessa perspectiva, podemos perceber que a jarra a partir de sua fabricação parece que será entendida como uma coisa, mas na verdade a jarra ainda continua a ser entendida como “um ser que estar em si pela produção e a partir dela”[[5]](#footnote-5), pois, nesse sentido, a jarra é tida como uma representação de um objeto. Assim sendo, a jarra poderá ser facilmente comparada como um objeto transcendental kantiano que se revela a partir da representação que manifesta no sujeito transcendental, ou seja, Kant fala da coisa como se fosse algo sendo na consciência do eu humano, como “um objeto em si”[[6]](#footnote-6). Dessa forma, o objeto em si é objeto independente de qualquer representação do homem ou de qualquer contraposição que possa acontecer. Haja vista que a jarra subsiste a partir do momento que temos necessidade dela, sem que haja o perguntar pelo que realmente a jarra é, ou seja, pelo sentido da jarra.

 Dessa maneira, poderíamos nos perguntar o que da coisa permanece independente de sua representação? Sendo que o seu “ser e o “estar” subsiste pelo fato de ser algo produzido, que se representa como objeto dado simplesmente como compensação do produto. O fato é que no dizer de Heidegger a “objetividade do objeto e da subsistência em si, nenhum caminho leva ao modo de ser da coisa, a coisalidade” [[7]](#footnote-7).

 Essa afirmativa é de suma importância para podermos entender o que Heidegger entende por coisalidade da coisa. Porém, ser produzida pelo construtor para receber algo não significa ser o ser próprio da jarra, ou seja, a jarra não se acaba na simples função para a qual ela foi designada, mas, ela teve de ser produzida, por ser e para ser este receptáculo, que é a jarra. Portanto, fica claro que a jarra a partir de sua fabricação estar simplesmente condicionada a ser objeto, mas nunca uma coisa.

A fabricação possibilita a revelação da coisa da jarra? “Toda representação de um vigente, como produto como objeto, nunca chega até a coisa, como coisa”[[8]](#footnote-8). Sendo assim, o que o oleiro faz? O oleiro molda de certa forma as paredes e o fundo da jarra que a faz ser um recipiente que recebe algo, ou seja, o oleiro que molda as paredes e o fundo não fabrica a jarra propriamente dita, mas molda a argila. É por existir o vazio da jarra que possibilita que o oleiro produza a jarra. Nessa perspectiva, Heidegger afirma que “é o vazio da jarra que determina todo tocar e apreender da produção” [[9]](#footnote-9). Portanto, percebemos que o ser da jarra, não está na matéria que o oleiro usou para fabricá-la, mas no vazio que a recebe.

 Heidegger, portanto, fala que o ser da coisa só pode ser revelado a partir do vazio que está na jarra, visto que nosso modo técnico-metodológico de ver as coisas sempre buscar explicar os seres existentes sem perguntar pelo sentido que esses têm. Aqui vale lembrar que esse modo próprio de responder as coisas sem se importar pelo sentido das mesmas, é um modo fundamentalmente científico.

Mas antes de nós entrarmos propriamente na questão do sentido do ser, ou seja, da coisalidade da coisa é necessário que saibamos antes o que Heidegger entende por sentido, ou melhor, o que aconteceu para que tenha acontecido o esquecimento do ser da coisa.

Heidegger parte da afirmação de que ainda não sabemos quando pensamos ao dizer que algo é ente. Isso fica bem claro quando Heidegger usa uma citação da obra de Platão “O Sofista” para descrever que ainda não sabemos o que é o ente. Heidegger cita a passagem que fala que “há muito estais familiarizados com o que na verdade eu quis dizer usando a expressão ente: nós pensávamos um dia tê-la compreendido, agora, porém estamos embaraçados”[[10]](#footnote-10). Houve, portanto, dessa forma, o duplo esquecimento do ser, ou seja, pois “esquecemos o que é o ser e também esquecemos esse esquecer”[[11]](#footnote-11).

Para Heidegger esse esquecimento está absolutamente relacionado com as ciências modernas que querendo ou não criaram uma área própria de abordar a questão do ente, com questionamentos e métodos diferentes, mesmo que buscassem no mesmo território o mesmo ser. Assim no dizer de Heidegger a “ciência é uma forma culta e metodologicamente executada da coisificação cotidiana do dasein.” [[12]](#footnote-12). Dessa forma, percebemos que Heidegger está criticando aqui a forma com que cada ciência busca estudar o ente, como se o ente pertence-se a uma realidade estática.

Essa visão Heidegger também expressa em um pequeno texto intitulado “*o que é a metafísica*”. Nesse texto Heidegger inicia dizendo que a “interrogação metafísica deve desenvolver-se na totalidade e na situação fundamental da existência que interroga” [[13]](#footnote-13), pois, não tem como interrogar um fato sem que não venha ser no mesmo instante partícipe da questão problematizada. O que Heidegger está dizendo, é que a ciência de certa forma busca entender o ser fragmentado sem se importar pela totalidade do mesmo. Dessa maneira, a ciência anula o ser a partir do momento que o transforma em objeto. Sendo assim, “a referência ao mundo, que importa através de todas as ciências enquanto tal faz com que elas procurem o próprio ente para, [...] transformá-lo em objeto de investigação”[[14]](#footnote-14).

Aqui percebemos que o ente e somente o ente e nada mais é fruto de problematização e de investigação das ciências, pois, para as ciências nada pode vir do nada, ou seja, a ciência não consegue conceber o nada como realidade existente, nada é um elemento nadificante. Aqui surge outra questão que poderá nos ajudar a entender o esquecimento do ser da coisa: como a ciência pode negar aquilo que não existe? Haja vista, que só podemos negar o ser existente. Onde procuramos o nada? Onde encontramos o nada? Encontramos o nada na coisalidade da coisa. Para Heidegger a “ciência apresenta o real, pelo qual ela objetivamente se rege [...] a ciência faz da coisa-jarra algo negativo”[[15]](#footnote-15).

Dessa maneira, a busca pelo nada da coisa faz com que encontremos o verdadeiro ser da jarra, pois só encontraremos a essência das coisas se nos livrarmos definitivamente do modo holístico que a ciência nos impõe como única forma de conhecer as coisas. É no nada da coisa que a coisalidade habita. Por que à medida que a ciência busca tornar tudo legítimo e visível, não conhece o intocável que faz a jarra ser jarra, é por isso que quando buscamos o ser da coisa a coisalidade surge na proximidade daquele que estar existindo a variedade de mundo que existe na coisa. É no jogo do olhar que a coisalidade da coisa se clareia ao homem.

Heidegger estar nos propondo um novo modo de buscarmos a existência das coisas, de uma forma puramente livre e desprendida de qualquer definição, que muitas vezes chega à beira da poesia, mas sem tirar a veracidade do filosofar que existe no ato de indagar, pois, como expressou o filósofo em sua conferência a “*Questão da Técnica*” “pois indagar é a devoção do pensar”.

Após desconsiderar esse modo científico de pensar que em última instância ocasionou o esquecimento-do-ser, Heidegger parte para a ligação do ser compreendida como proximidade, ou seja, como “morar junto das coisas que corresponde com a ideia de serenidade”[[16]](#footnote-16). A serenidade é a capacidade da mudança do pensamento com relação às coisas existentes, pois, essa mudança se dará sobre um modo específico de pensar, sobre o pensar reflexivo. Esse voltar não se dá de forma sistemática e gradativa, mas, acontece na mudança súbita do perigo.

Essa mudança ocorrida pelo despertar não se dá apenas pela simples troca de posição, porém se dá quando a influencia da relação sujeito e objeto estiver suprimida definitivamente, pois, não haverá esse distintivo que considera sujeito e objeto como algo diferente, pois todos serão uma única coisa. “Unindo-se por si mesmo uns com os outros, céu e terra, mortais e imortais pertencem, em conjunto, à simplicidade da quadratura da reunião” [[17]](#footnote-17). Isso significa no dizer de Heidegger que cada um já estará contido no outro, para harmonia da unidade recíproca. A unidade recíproca não si dá por apropriação do quarteto, mas “pela apropriação do jogo que se fiam e confiam no compromisso recíproco de unir o desdobramento”[[18]](#footnote-18).

Em suma, Heidegger termina seu escrito dizendo que tudo isso pertence ao pensamento da coisa, que estar buscando uma possível transformação do mundo que possa contribuir para que o ser humano venha se despertado para o real da existência, ou seja, o zelo para com sua própria vida no mundo factível.

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. A coisa. In: \_\_\_\_\_\_. **Ensaios e conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2007.

HEIDEGGER, Martin. A preleção (1929): o que é Metafísica? In:\_\_\_\_\_\_. **Conferências e escritos filosóficos**. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores).

LIMA, S. J. **Comentários sobre A coisa de Heidegger.** Rio Grande do Norte, 4 jun. 2010.Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/saberes>. Acesso em:13 out.2015

SAFRANSK, Rudiger. Heidegger, um filósofo da Alemanha entre o bem e o mal. Trad. Lya Leet Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

1. HEIDEGGER, 2007, p. 143 [↑](#footnote-ref-1)
2. Idem, ibidem. [↑](#footnote-ref-2)
3. Idem, ibidem. [↑](#footnote-ref-3)
4. Idem, p.145. [↑](#footnote-ref-4)
5. Idem, ibidem. [↑](#footnote-ref-5)
6. Idem, p.154. [↑](#footnote-ref-6)
7. Idem, p.145. [↑](#footnote-ref-7)
8. Idem, p.146. [↑](#footnote-ref-8)
9. Idem, ibidem. [↑](#footnote-ref-9)
10. SAFRANSK, 2005, p.188. [↑](#footnote-ref-10)
11. Idem, ibidem. [↑](#footnote-ref-11)
12. Idem, p.191. [↑](#footnote-ref-12)
13. HEIDEGGER, 1983, p.138. [↑](#footnote-ref-13)
14. Idem, ibidem. [↑](#footnote-ref-14)
15. HEIDEGGER, op. cit. p.148. [↑](#footnote-ref-15)
16. SAFRANSK, op. cit. p.198. [↑](#footnote-ref-16)
17. HEIDEGGER, op. cit. p. 149. [↑](#footnote-ref-17)
18. Idem, p.156. [↑](#footnote-ref-18)